

MANIFESTO, não houve.

Houve e há uma POEPRÁTICA que se transforma.

Foi o que se iniciou na década de 60 (POESIA EXPERIMENTAL-I é de 1964).

É o que hoje (1980) se renova.

Tal como então experimentando na terra de ninguém — que é a nossa.

Que é a nossa margem. A margem do interior das coisas: do Poetar. — Do representar. — Do saber: O NÚCLEO DO FAZER. COISA A FAZER-SE = POESIA. Vocação da voz. Versão do VER. Manutenção da MÃO. E se ontem desmontávamos e desmistificávamos os discursos-fósseis do sistema-múmia (porque isso era preciso) hoje montamos e construímos percursos e espaços

FÍSICOS IMAGINÁRIOS VIRTUAIS

contra a crescente entropia-sem-finalidade, opondo probabilisticamente uma barreira a

sabendo que não há alternativa

OU POESIA OU MORTE

mas isto

para todos
por todos

Por isso ESTA EXPOSIÇÃO é para muita gente aqui em Belém

para quem vier
para quem ouvir falar
para quem ignorar
para quem não gostar

Planeada há mais de um ano, agora se faz — aqui,

PO.E X/80

Lisboa/Abril-Maio/1980
(do catálogo)

ESPAÇOS:

- E1 — António Aragão — POESIA URRO
- E2 — António de Campos Rosado — P.A.R.
- E3 — Ana Hatherly — A CONFISSÃO DE MARIANA
- E4 — E. M. de Melo e Castro — DELFOS 2020
- E5 — José Alberto Marques — EX-POSIÇÃO
- E6 — José António Barros — POESIA VISUAL
- E7 — Salette Tavares — VOZ
- E8 — Silvestre Pestana — LABIRINTO
- E9 — VIDEOPOESIA
- E10 — FILMESLIDEPOESIA
- E11 — INTERVENÇÕES PROGRAMADAS (OU NÃO)
- E12 — COLECTIVO
- E13 — INFORMATIVO

(do catálogo)